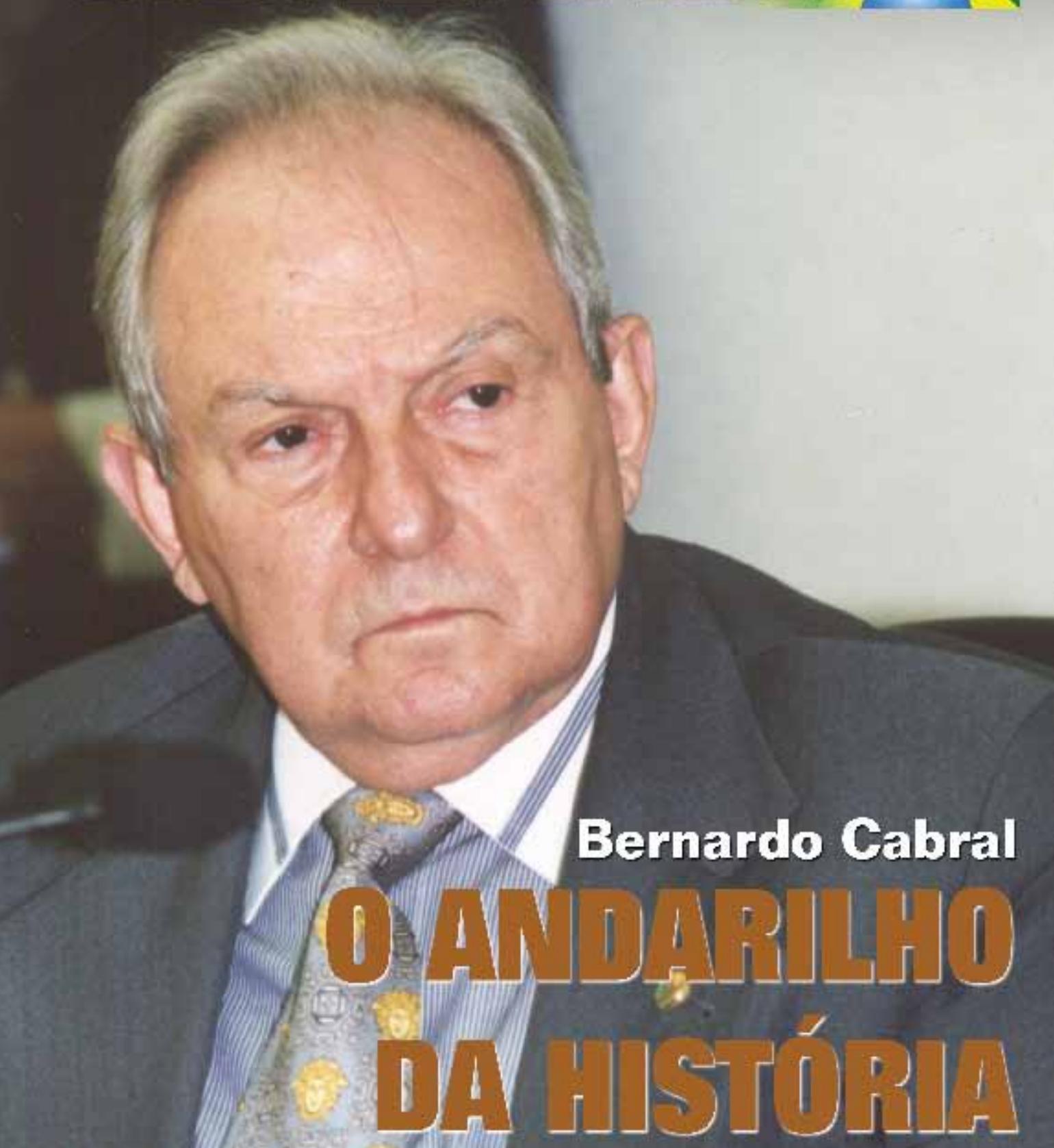


Revista

JUSTIÇA CIDADANIA &

CONSTITUIÇÃO

FORÇA FEDERAL DO BRASIL



Bernardo Cabral

**O ANDARILHO
DA HISTÓRIA**

A LIBERDADE, SANCHO...

Ricardo Peidró

Embaixador da Espanha

“A liberdade, Sancho, é um dos mais preciosos dons que aos homens deram os céus; (...) pela liberdade, assim como pela honra, pode-se e deve-se aventurar a vida...”



Presidente Lula recebendo as cartas credenciais do Embaixador da Espanha Ricardo Peidró

Em 1605 foi publicada, em Madri, “El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha”, obra escrita por Miguel de Cervantes Saavedra. Nesse mesmo ano, centenas de exemplares chegaram ao México e à Colômbia, e daí ao Panamá e ao Peru. O que não havia conseguido Cervantes conseguiu-o Quixote: chegar à América. Cervantes sempre desejou embarcar para a América e, quem sabe, “Dom Quixote” teria sido escrito no Novo Mundo. Desde seu nascimento, “Quixote” é uma obra intrinsecamente enraizada na cultura da América Ibérica, da América que fala espanhol e português.

Em 2005, comemoramos os 400 anos da publicação de “Quixote”, a novela mais famosa e universal de toda a história. Essa data é celebrada na Espanha, nos países em que se fala espanhol e em todos os países do mundo, sobretudo da Europa e da América, onde “Quixote” é um referente cultural, um autêntico patrimônio universal. Também a celebramos no Brasil, país onde “Quixote” é particularmente querido. Recordemos que a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro guarda uma das melhores coleções públicas de edições da obra; que em São Paulo está uma das melhores coleções privadas; que “Quixote” é um ícone para diversas

instituições: destaco a figura de Quixote como símbolo da “Revista Justiça e Cidadania”.

A obra de Cervantes e o Quixote são uma referência para os estudos hispânicos no Brasil. Para a história da arte do Brasil, recordo as famosas gravuras que Portinari realizou para ilustrar “Quixote”. Para programas de inclusão social através da cultura, onde crianças refletem, brincam e criam, a partir da figura de Quixote. Chama a atenção o grande número de edições da obra publicadas no Brasil, algumas com a colaboração de grandes escritores e críticos brasileiros.

A presença da Espanha no Brasil e as estreitas relações entre os dois países também lembram Cervantes e Quixote. Não nos esqueçamos de que, em 1605, a Espanha e o Brasil estavam integrados na união das duas coroas. As culturas artística e literária eram as mesmas: o humanismo barroco. E isso, em virtude do esforço conjunto da Espanha e de Portugal, que restituíram a Bahia ao Brasil, na famosa ação encabeçada por Fradique de Toledo, em 1625, da qual Cervantes teria se orgulhado, e afirmado, como disse de Lepanto em “Quixote”: “A mais alta ocasião que viram os séculos passados, os presentes, e não esperam ver os futuros”.

Séculos mais tarde, a presença educativa da Espanha no Brasil recebe o nome de Colégio Miguel de Cervantes, e a presença cultural, o nome de Instituto Cervantes, além dos numerosos centros da colônia espanhola, que se sentem identificados com Cervantes.

Na Espanha, nos outros países ibero-americanos e também no Brasil serão programados inúmeros eventos para celebrar o quarto centenário de “Quixote”. Em 23 de abril, particularmente, comemoramos o dia das Letras Espanholas. É a data da morte de Cervantes, um dos grandes nomes da literatura em língua espanhola, como Paz, Neruda e Borges. Esses nomes, junto aos grandes nomes da literatura em língua portuguesa, Camões e Machado de Assis, constituem o legado literário em espanhol e português na Europa e na América. Recordemos que Cervantes conhecia o português, e Camões escreveu também em espanhol. É o Renascimento ibérico, que irradia seus ideais pelo Novo Mundo, a América.

Quixote encarna os ideais do Renascimento ibérico: a perseguição do ideal, a ficção e a vida, o humanismo, a modernidade, a liberdade, ideais esses que inspiraram a criação do Novo Mundo e, por isso, enraizados na cultura comum da Europa e da América e partilhados por todos os

países ibero-americanos. Ideais que ainda hoje nos guiam e unem. Estou seguro de que a lembrança de Quixote vai contribuir, nessas datas, para renovar o extraordinário elo de simpatia entre o povo brasileiro e o espanhol. Uma simpatia que se enraíza não só em uma história comum ou em alguns interesses econômicos comuns, mas, sobretudo, nesses ideais comuns. Ideais compartilhados por todos os povos ibero-americanos.

Desses ideais compartilhados, a liberdade é mais importante para Quixote, como lembra sua frase universalmente famosa: “A liberdade, Sancho, é um dos mais preciosos dons que aos homens deram os céus; (...) pela liberdade, assim como pela honra, pode-se e deve-se aventurar a vida...”.

A Espanha e o Brasil compartilham hoje um espaço de justiça e liberdade, que justifica a associação estratégica que ambos os países mantêm e que se plasma, entre outras coisas, em ambições tão dignas do Quixote, como o esforço comum por uma ordem internacional mais justa, orientada, antes de tudo, para uma luta contra a fome e a pobreza. Aqui vão, portanto, estas palavras como uma homenagem a todos os que assumem a aventura do Quixote.